

Opinião



M. RIBEIRO FERNANDES

Estão a matar, aos poucos, a relação humana?

1. Há dias, numa sala de espera (e isto é uma cena vulgar numa qualquer sala de espera ou num qualquer restaurante), estavam três pessoas, próximas umas das outras, pelo que presumi serem uma família: um homem, uma mulher e uma criança. O homem estava entretido com um tablet na mão, a dedilhar não sei o quê; a senhora, com um smartphone, fazia algo de semelhante; e a criança jogava com um tablet. Esta cena fez-me lembrar um artigo, que recentemente li, onde se lamentava que *as novas tecnologias de informação estão a matar, aos poucos, a relação humana*. A matar não direi, mas a afectar a sua qualidade, talvez, sobretudo nas crianças, nos jovens e nos adultos mais novos. Se bem que nos jovens há outras pulsões bem mais fortes do que os tablets que, em princípio, os inibem de se tornar dependentes.

Não se pode dizer que a culpa dos sentimentos de infelicidade ou de dependência seja das novas tecnologias de informação. Elas são apenas um instrumento de relação (aliás, um maravilhoso instrumento que amplia as nossas capacidades de comunicação) e, como qualquer instrumento, só vale pelo uso que se lhe der. Há neste uso uma confusão um pouco inconsciente: elas não são a realidade que nós desejamos, mas aparecem como sendo. A companhia que as imagens virtuais podem oferecer não é real, mas apenas virtual: é como se fosse, mas não é. A questão reside aí: como nos oferecem imagens virtuais da realidade que desejamos, tendemos, inconscientemente, a tratá-las como se fossem reais. É por isso que se acredita facilmente no que se vê nos meios de comunicação social, porque não há possibilidade de contraditório com a realidade. Nós precisamos da realidade para ser felizes, mas a sua representação virtual não tem essa capacidade. Ela é um pouco como a relação dos óculos com os olhos: os óculos não são os olhos, mas os olhos precisam deles para a ver melhor.

2. As tecnologias de comunicação entraram no nosso quotidiano de vida como se fossem um amigo real e levam-nos, de forma virtual, aonde gostaríamos de ir. E como o condicionamento de vida tipo cidade da maioria das pessoas deixa muito a desejar, vivendo dentro de quatro paredes e sem espaço nem amigos para conviver, famílias com um filho ou nem isso e a trabalhar fora, solidão real, isso fez-nos agarrar aos instrumentos de comunicação para ampliar as nossas capacidades como se fosse uma ampliação física da realidade social que desejávamos. Mas, infelizmente, não é. Os amigos são de carne e osso, falam connosco, expri-

mem sentimentos... e estas representações não o podem fazer. Quer isto dizer que, quando usamos estes meios de comunicação, não nos podemos esquecer da realidade, não podemos ficar apenas ligados à imagem virtual. Mesmo assim, muito fazem elas pela qualidade de vida e felicidade das pessoas... É uma extraordinária invenção que tem ajudado muita gente a fugir um pouco da solidão, embora fique sempre com meia solidão.

3. Não se pode demonizar as tecnologias da informação. Os problemas, se os há, não estão nelas, mas em quem as usa. É preciso activar permanentemente esta consciência da realidade para que as tecnologias de comunicação não nos venham gerar sentimentos de infelicidade, sobretudo em jovens e adultos mais novos, quando elas trazem ao pé de si representações de ideais que nem sempre podem ter, objectos de luxo que gostariam de possuir, um bom automóvel, um passeio ou umas férias de sonho, uma casa luxuosa, vestidos bonitos que são apelativos, apelos de imagens de um corpo belo e elegante que enchem os cofres dos ginásios, desejos de uma eterna juventude, um mundo sem fim de imagens que nos entram pela casa dentro e que nós gostaríamos de realizar... E quando se não consegue possuí-las, fica a sensação de frustração e de revolta e cresce a tentação de contrair empréstimos para as conseguir, empréstimos que muitas vezes, depois, não se consegue saldar.

É preciso não esquecer que há quem as aproveite para vender ilusões. Cabe a cada um separar o útil do comercial, porque este mundo está dominado por uma luta de interesses pessoais.

Voltando ao caso da família que referi de início, se não se cultivarem as relações de amizade, não são as tecnologias de informação que o vão fazer por nós. Seria errado demonizar as tecnologias de informação por causa dos eventuais desvios e dependências que possam acontecer e recusar oferecê-las às crianças. Quando acontecem desvios ou dependências, algo de pessoal está por trás que é preciso investigar... A raiz dos problemas está nas pessoas, não no uso de tecnologias. Seria tão errado os pais recusarem aos filhos o uso dos meios de comunicação, que são uma extraordinária ferramenta de divertimento e de aprendizagem, como de lhes darem esses meios em troca de os não incomodarem... São os brinquedos de hoje, como outros o foram noutros tempos.

(O autor não escreve de acordo com o chamado Acordo Ortográfico)



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

Profissão, ouvinte

Uma conferência do ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han, na terça-feira, no Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, sobre “a expulsão da diferença e o valor da hospitalidade”, foi amplamente noticiada pela imprensa espanhola. O diário *El País*, por exemplo, dedicou ao filósofo, apresentado como “um dos mais reconhecidos dissecadores dos males que acometem a sociedade hiperconsumista e neoliberal depois da queda do Muro de Berlim”, toda a página 25 da edição de quarta-feira. O professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade das Artes de Berlim é, de facto, autor de obras que caracterizam com acerto o tempo presente. Várias – *A sociedade do cansaço, A sociedade da transparência, A agonia de Eros, Psicopolítica, O aroma do tempo, A salvação do belo, No exame e Sobre o poder* – foram editadas em Portugal pela Relógio d'Água.

Um curto texto dos anfitriões catalães apresenta a iniciativa: “O tempo em que o outro existia passou. O outro como mistério, como amigo, como desejo, como pesadelo vai-se desvanecendo, e em seu lugar instala-se um inferno em que tudo é igual, indiferente. Segundo o filósofo coreano Byung-Chul Han, isso ocorre porque nos prestamos uma atenção excessiva, convertidos numa espécie de ‘empreendedores de nós mesmos’ ou porque negamos frontalmente o que nos é alheio, o que nos condena à solidão, à depressão e ao ódio. Sem o acicate da estranheza, apenas há acumulação. A única alternativa possível é recuperar a comunicação com o outro, expor-se ao seu olhar, à sua voz e ao seu pensamento, e recordar que tal significa, necessariamente, a interpelação e a resposta”.

Escrevendo sobre a actualidade, é natural que o filósofo fale amiúde sobre comunicação. Fê-lo, agora, mais uma vez no recente *A expulsão do distinto* (ainda não publicado entre nós). É aí, no último capítulo, que Byung-Chul Han faz um prognóstico singular: “No futuro haverá, possivelmente, uma profissão que se chamará *ouvinte*. A troca de um pagamento, o ouvinte escutará o outro prestando atenção ao que ele diz”. Explica o pensador que iremos a um ouvinte porque, exceptuando ele, não haverá quem nos escute. A previsão não é auspiciosa, mas Byung-Chul Han parece julgá-la o normal corolário do que está a suceder: “Hoje perdemos cada vez mais a capacidade de escutar”. O que a dificulta ou impossibilita “é sobretudo a crescente focalização no ego, o progressivo narcisismo da sociedade”.

As páginas do capítulo “*Escutar*” oferecem uma eloquente caracterização da arte de escutar, um dom que as redes sociais – e o Facebook em particular – destroem. No Facebook “o que se emite é sobretudo informação que não requer discussão e que apenas serve para que o remetente se promova”. Nota Byung-Chul Han que, “na comunidade do ‘gosto’”, o indivíduo apenas se encontra a si mesmo e aos que são como ele.

“A arte de escutar desenvolve-se como uma arte respiratória”, esclarece o ensaísta, observando que o acolhimento hospitalareiro do outro é um inspirar que o alberga e protege. “O ouvinte esvazia-se” e é neste vazio que assenta a sua amabilidade: “Parecia acolher o mais díspar para dele cuidar”. A citação é do escritor Elias Canetti e Byung-Chul Han usa-a para sublinhar que o ouvinte que se coloca à mercê do outro sem reservas cumpre um imperativo da ética da escuta, “*ficar à mercê*”.

O capítulo termina com uma reivindicação: “Hoje é necessária uma *revolução temporal* que faça com que comece um tempo totalmente distinto”. Do que se trata é de redescobrir “o tempo do outro”. A crise temporal em que vivemos é, para Byung-Chul Han, consequência da “totalização do tempo do eu”, que se faz acompanhar pela “totalização da produção, que hoje abarca todos os âmbitos vitais e conduz a uma exploração total do homem”. A alternativa ao tempo do eu, que individualiza e isola, é o tempo do outro. É este que “cria uma comunidade”. É por isso que, conclui o autor, este é que é “um tempo bom”.